

Primeiro Conto - Escalão B

C.L. Maia 2011

Autor: Sérgio André da Silva Ambrósio

Lida Dor

Numa hora qualquer de infinitude, num lugar humanamente inexistente, numa dimensão cuja tela nunca tem a tinta da noite, cá estou eu. Foi um foguete que trouxe a minha alma pendurada numa cruzeta até aqui, depois de os meus olhos terem dado o nó com o breu e de todo o meu corpo se ter rendido ao cansaço dessa cerimónia. Na cruzada do mistério, encontro-me perdido no estômago do Céu. Engolido para sempre, creio.

A vida bebeu-me o sangue, comeu-me a carne e rilhou-me os ossos até não ter mais apetite. Tinha eu noventa e cinco primaveras bem arrimadas, quando Deus me disse: «É a vida». Que é Dele. Como são todas. Vivi uma epopeia, agora definho em apneia. Sou uma alma insatisfeita de cavaleiro sem guerra, sem causas pelas quais lutar. Baqueou-me o destino, apunhalou-me de abismo. Não sei há quanto tempo a minha espada não tem serventia, quedou-se em desgraça, sem emprego algum. É uma tristeza em carne viva que me recobre, por mais que a carne seja ilusão. E a vida também.

Estar no Paraíso não é um consolo para a batalha que foi a minha existência no mundo, nem um bálsamo para a consciência do meu corpo estar morto. Aqui a eternidade provoca-me pesadelos. Exasperante tédio de ser eu neste sítio. Falta-me o cheiro da terra, o peso das armas nos braços, a liberdade dum galope triunfante por montes e vales... Precisava sangrar outra vez, cortar o vento ao meio com a lâmina da minha espada empunhada, ter dores no peito de tanto gritar... Estou farto desta pestilência de água-de-colónia e de amoníaco! Atiro à galáxia o meu desabafo, daqui deste vasto terraço

de inutilidade, deste panteão idílico mais do que obsoleto. Alma que ruge fora do seu habitat natural. Ganhei uma paciência de leopardo antes de atacar a presa, com a agravante de que aqui não há presa para atacar. Caminho nesta sobrevivência misteriosa não sabendo o motivo, nem vislumbrando um sentido sequer.

Quis Deus que todas as almas por si acolhidas vissem tudo quanto se passa no mundo. O pior é não poder fazer absolutamente nada para interferir no seu curso. O suplício de ver a vida dirimir-se lá em baixo é inultrapassável. O inconformismo é que me dói. Não aguento a sentença. Descia-me todo se pudesse. Esta alma rasga-se de saudades. Sou parte de um poema inumano, embora não encontre a poética deste Céu, nem compreenda o seu golfo de perfeição, estando a uma reencarnação de distância do que me é primordial. Sou alma para sofrer a mordidela provocada pelos delírios de ter todo o tempo que fugiu do mundo. Só lá deveria ter pertencido. Nada mais. Oxalá ruísse este chão de nuvens.

Esgana-me toda esta transparência que não consigo dominar. No fio da luz que me atravessa, picar-me-á para sempre a saudade de ser homem. Neste dia que cresce num pique sem-fim, a minha alma é uma estátua num penedo de espelhos, sob a vigilância de dragões celestes. Da original inconsciência que é estar no Céu e desejar voltar à Terra, só quero falar a Deus mais uma vez.

A luz expande-se, em flechas, por toda a parte, mas incide especialmente no letreiro que diz "Guichet". Lá dentro, todavia, não se vê viva alma, o que faz estender a fila numa serpente diáfana boa

de rins e interminável. Finalmente, vejo Lúcifer retomar o seu posto de trabalho, não obstante a cara feia, procedendo à chamada e consequente atendimento dos queixosos. Este balcão destina-se a receber reclamações, descontentamentos & infâmias dos espíritos pobres e mal agradecidos que habitam no Céu. Desgraça a minha que vou levar imenso tempo até ser atendido. Era nestas alturas que deveriam ocorrer os milagres.

Nada feito quanto a benesses de avançar lugares na fila, por isso, tenho de aguardar a minha vez. Ei-la. Explico a Lúcifer que desejo falar com Deus, mas ela encurrala-me com uma resposta negativa, informando-me que deveria ter uma audiência previamente marcada com Ele. Que assim não tenho hipótese. Não calo a minha indignação de ter estado três quartos de hora abstracta à espera de satisfazer a minha vontade e isso ter-se revelado impossível. Quando resignado já vou a virar costas à minha ambição, lentamente uma enorme cortina de nuvens abre-se, uns raios de claridade vêm a terreiro e eis que Deus, fumegando de brancura, se coloca diante de mim e me diz:

- Gonçalves, terei todo o gosto em falar contigo.
- Mas Senhor, não estou na sua agenda. - informo-O pasmado.
- Não há problema. Vem comigo. - disse imperativamente.

A minha alma está parva! O próprio Deus está a meter uma cunha para eu falar com Ele! Inacreditável. Não faço ideia para onde vou, só sei que me movo por umas galerias forradas a algodão doce. Entro agora numa espécie de estância termal, onde absorvo música de

Chopin a correr em fundo. Surpreendeu-me o aspecto jovial de Deus, nunca o pensara tão bem conservado. Ele pede para acomodar-me num *puff* de dente-de-leão a fim de iniciarmos a conversa, enquanto procura o refastelo num cadeirão enorme, ladeado por uma banca onde sossega um imponente e ameaçador chicote. Talvez seja com ele que o mundo endireite.

Provavelmente, Deus chamou-me apenas para dois dedos de conversa com o coração desligado, visto que deve ter muito trabalho em mãos. Gabo-lhe o sorriso despreocupado de patrão do Universo.

– Gonçalo, meu velho, qual é a emergência que te assola o espírito? – questiona-me o bom Deus.

Agradeço-Lhe o privilégio de me ter recebido, de poder estar na Sua presença e de me permitir expor-Lhe as preocupações e sentimentos que me corroem a pele da alma. Digo-Lhe peremptoriamente que o meu principal problema é lidar com a dor. Eu sei que parece um contra-senso alguém ganhar o Paraíso e não estar satisfeito com essa dádiva. Na verdade, eu estou grato por ela me ter sido concedida mas não julgo que o Reino dos Céus seja lugar para mim. Procuo convencê-Lo. Deus encandeia-me com um olhar reprovador perante as minhas explicações.

– És um digno merecedor da minha casa, nunca tive dúvidas acerca disso. Foste um herói, numa existência que se pautou pela excelência e dedicação a causas nobres. Tens o teu lugar no Céu, Gonçalo, porque a tua vida foi sempre feita de amor. Pela tua comunidade, por mim. Entregaste-te de corpo e alma a isso. Mas

fala-me dessa dor que te atormenta. A que se deve, tem origem onde ou em quê? – indaga o senhorio do mundo.

Esta é a oportunidade por que sempre esperei. Tenho de ser assertivo na minha resposta mas principalmente tenho de ser totalmente honesto:

– Meu Deus, a minha dor é a de ter vista privilegiada para a tragédia do mundo dos vivos. É a dor de não me sentir útil neste Céu. É a dor de ver a minha nação amada desmoronar-se. É a dor de querer fazer algo por ela e não poder. É a dor de saber que Lhe deste este amargo destino. – concluo com a alma arrepiada.

A última frase que profiro sei que é forte e incomodativa de se atirar à cara de Deus. Mas Ele pôs-se a jeito e eu sou frontal e digo o que realmente penso, além de que sou capaz de tudo pelo bem-estar da minha querida pátria. Até de afrontar Deus!

– Eu não tenho de te dar explicações sobre a forma como dirijo a vida na Terra ou no Céu, Gonçalo. A verdadeira grandeza do meu poder está vedada ao entendimento. Sabes perfeitamente que nas veias de qualquer ser humano, para além do sangue, correrá sempre em simultâneo a bondade e a maldade. Mas qualquer dia o Homem decide-se e orientará a sua ira contra o mal. Meu velho, estás mesmo zangado comigo? – pergunta à espera duma resposta afirmativa.

Vendo que nego a putativa discórdia, Deus desafia-me a dizer o que eu quero que Ele faça por mim. É simples: quero que me recambie para a vida. Quero ajudar os meus filhos a reerguer o esplendor de Portugal. Quero levantar essa bandeira tombada e

rasgada pelo desleixo contemporâneo. Quero sair deste lugar cheio de conforto e luxos e engajar-me na batalha pela cura da minha nação. O amor à causa portuguesa tem de ser preservado, elevado, actualizado, assim como a responsabilidade e a ética. Eu quero agir, afirmar os meus ideais, mostrar a minha identidade e aquilo em que acredito.

Ser português e lutar pela minha comunidade é sentido suficiente para a minha presença na Terra, independentemente de como isso se venha a processar. É minha convicção que os heróis fundadores e impulsionadores da nação, bem como aqueles que a consolidaram, estão a ser traídos. O povo português deveria lembrar-se deles e do seu exemplo para terem força nas suas vidas, inspirarem-se neles. Magoa-me que no meu país se ignore a História, se esqueçam as origens, se perca a tradição da cultura. Descose-se-me a alma toda ao perceber a aceitação sem uma pura revolta do que a governação propõe ao povo, numa clara campanha anti-patriótica. Fora de questão está uma quezília oficial contra Deus. Até porque não tenho tempo. Estou mais preocupado em tentar mudar o rumo dos acontecimentos na Terra.

– Posso ser só alma agora mas tenho um coração português que nunca irá a sepultar e que clama apaixonadamente uma insuflação de vida. – sublinho.

– Não tens de voltar ao mundo dos vivos, Gonçalo. As pessoas contam com o exemplo de vida que lhes deixaste. – adverte-me.

– Os portugueses precisam de exemplos práticos de sacrifícios, de

devoção, para enveredarem igualmente na luta abnegada pela transformação. Se eu abdicar do Céu para voltar ao mundo terreno, eles perceberão que demonstro patriotismo e dedicação à causa nacional. E se, um dia, me foi concedido o Paraíso pelos meus actos, pela minha coragem e valentia, os meus compatriotas também o poderão alcançar, caso se empenhem para tal. Certamente que o Senhor deitará um anzol do Céu até à Terra e pescará todos os que tiverem fome de Paraíso. O melhor de tudo era mesmo a criação de um Portugal como sinónimo de um Paraíso na Terra... – declaro, mostrando o amor que também me liga aos sonhos.

Infelizmente, grande parte do oeste peninsular está tocado de podre. É uma maquete do Inferno que se revela a olho nu. Eu quero insurgir-me e combater a canalha que corrompe Portugal, que me obriga a ruminar esta dor e a vomitar esta fúria! Porque só a honra é que dá o *h* grande ao Homem.

Deus enruga a testa, deve estar pensando em qualquer coisa áspera para me dizer. Ou então o encorrilhar de peles demonstra alguma sensibilidade face ao assunto que Lhe narrei.

– Não podes voltar à Terra, Gonçalo. A hora da reencarnação ainda não é agora. – afiança-me.

Tenho de fazer cair o Carmo e a Trindade! Tenho de convencer Deus que são os braços fortes da Terra que se agarram aos tornozelos da minha alma e me puxam para baixo. É um apelo mais forte do que a paz deste Céu que me vence. Eu mantenho o sonho de que a minha Nação seja imortal, mas é urgente encontrar soluções

para os problemas da família, dos jovens, dos idosos, da natalidade, da autonomia produtiva, do desemprego, da saúde, da educação... Sem esquecer a imperiosa necessidade de levar a julgamento os infames que roubam, sem remorso, quem lhes confia a administração das suas vidas! Urge dar o exemplo!

Porque eu não quero que se percam as condições de singularidade, identidade e expressão portuguesas, nem que Portugal desapareça e se torne apenas uma memória duma terra existente somente num velho, amarelecido e inútil planisfério.

Condescende-se com os males do mundo, com os atentados à dignidade humana, porque se crê que Deus vai, um dia, resolver isso. Ou, no mínimo, vai recompensar os sofredores pelo incómodo. Deus é quem me obriga a querer humanizar a selva da galáxia! A humanidade clama por uma gota do amor que Deus diz ter. Não é a luz, são as trevas que inspiram e regem o mundo. Desde cedo se aprende que com Deus há justiça, bondade, paz e que se pode viver tranquilo. No entanto, a culpa não se extingue! Nem com o fim da vida. As ideias do Céu não chegam à Terra. As pessoas não estão e não irão aclarar-se por dentro com a palavra do Senhor por mais que Ele promova os Seus mandamentos com o auxílio da melhor agência de comunicação e marketing da Terra. No veneno daquilo que vejo, está por nascer o deus que torne o mundo num lugar bom e aprazível. Corre até o boato de que os anjos conspiram uma revolta no Céu para uma melhor vida lá em baixo...

- Nem precisas de soltar as palavras da tua boca, eu ouço tudo o

que os teus pensamentos dizem. Sei que é na revolta que te alimentas para te traduzires. Digo-te, neste instante, como disse há tempos ao Afonso: os homens, onde quer que pertençam, têm de ter um plano maior do que a vida, uma missão nacional que conflua num pressuposto global. Continuarei a ter confiança na humanidade, pois onde há Homem, há transcendência. – assegura sem demagogia visível.

Estas palavras de Deus deixam a minha alma mais rija. Pressinto que o meu Senhor ficou emocionado com as preocupações que Lhe manifestei. Julgo mesmo que me concederá autorização para cumprir a minha intenção: deixar, isento de saudades, este Céu do meu desassossego e partir para o berço que enxugou o meu primeiro choro.

– O mundo deveria ser um lugar belo. Há ainda traços de origem, salvos da adulteração, que confirmam os meus melhores propósitos para esse plano. Para te provar que não possuo o coração frio e alheado com que me pintas, vou permitir que desças à Terra, com as seguintes condições: não voltarás como homem ao mundo e uma vez debandado do Paraíso não mais aqui tornarás. Esquece a esperança sebastiana: aqui não mais voltas. – assinala convictamente.

– As saudades de contemplar directamente as faces ruborizadas do crepúsculo fazem-me aceitar o que quer que o Senhor designe para mim. Apenas anseio o reencontro com a minha pátria. Estou mais do que pronto. Leve-me daqui, meu Deus! – exalto.

– Boa sorte, meu amigo. Espero que sejas feliz na tua escolha,

Gonçalo. – desejou-me, erguendo a mão em sinal de despedida.

De regresso. Já o sinto. O vento de mudança. Cá estou. Nesta hora certa. Neste lugar que amo. Nesta dimensão dicotômica de preto e de branco. Escolho estar vivo entre a minha gente. Montado no cavalo de pedra, com a espada em punho, na praça central, olhando de perto a terra onde tive a fortuna de nascer. Não se fiem na minha imobilidade, estou vivo! Oxalá que a partir de agora me vejam com outros olhos. Com a visão de quem contempla algo real, inspirador, rompedor dos nevoeiros da memória, mártir do Paraíso em nome do seu povo e fiel ajudante para a concretização dos desígnios verdadeiramente nacionais. A minha maneira de lidar com a dor é combatê-la. Na sua origem, na sua proveniência. Nunca deixarei agora de aqui estar, vivo para todos vós. O meu sonho nesta Terra vai cumprir-se. O meu povo há-de honrar o meu desejo e há-de confluir, em massa, para o labor dessa realização! Eterno guardião da terra portuguesa, eu, Lidador Gonçalo Mendes da Maia, serei para todo o sempre vosso. *Laus Deo.*

Druco

